



Beira

Entre o mar e o cimento os arrozais da subsistência

A Beira é cidade que, no tempo colonial, se dizia «do futuro». Preenhe de um regionalismo pouco salutar, a segunda cidade do país foi, contudo, construída em local de pouca perspectiva, o pântano de um lado e o mar do outro.

Porém, tais circunstancialismos permitiram que as populações da zona, introduzido que foi o arroz como cultura alimentar, aí encontrassem condições propícias ao seu cultivo.

Beira, uma cidade em que o arroz está nos quintais, nas bermas das estradas, por toda a parte espalhado. Como é?



Texto de
Joaquim Salvador
Fotos de
Kok Nam

Em baixo:
Arroz: esse cereal
que na Beira
é cultivo tradicional
das populações



Na realidade, como em outros locais do país, a cidade da Beira foi construída num dos piores locais possíveis para o desenvolvimento de uma urbe moderna.

A decisão está certamente ligada ao facto de a sua localização estratégica lhe permitir o controlo das zonas interiores das províncias de Sofala, Manica e Tete e constituir ponto vital para os territórios vizinhos.

Nem por isso se pode deixar de dizer que o local onde está implantada aquela que é hoje a segunda cidade do país é um dos piores possíveis já que a cidade se estende ao longo de compridos bancos entre o mar e o pântano, este com altitudes reais inferiores ao nível do mar.

Se, por um lado, isto significa à partida que as partes baixas, alagadiças e permanentemente com água permitem o cultivo de cereais que necessitam de muita água, por outro lado, é evidente que a infiltração do sal marinho causa grandes problemas de rendimentos.

No caso particular da Beira e posteriormente à introdução da cultura do arroz no país, as populações cultivam aquele cereal em modalidades tradicionais e que nada têm a ver com a exploração de extensão e de rendimento.

É a mulher que aproveita um quarto ou meio hectare para semear o arroz necessário à subsistência do agregado familiar, a ajuda subsidiária ao parco salário do trabalhador, desde o braçal até ao próprio burocrata.

A despeito de todos os condicionamentos, o camponês beirense continua a cultivar aquele cereal. A falta de uma irrigação adequada, a salinização das águas e o próprio facto de o tipo de semente usado não ser dos de melhor qualidade, fazem obviamente que os rendimentos conseguidos sejam baixíssimos, na ordem média de uma a uma e meia tonelada por hectare o que é sensivelmente metade do que se poderia obter, em circunstâncias idênticas com as variedades de maior rendimento e que são importadas.

A despeito destes óbices, a produção de arroz na cintura verde da ci-



Como se pode ver claramente na imagem, o arroz está presente dentro da cidade urbana

dade capital de Sofala foi de cerca de 6500 toneladas, em perto de 5000 ha de zonas orizícolas, prevendo-se que, para o corrente ano se atinjam cerca de 7500 toneladas, quantitativos estes bastante superiores aos máximos do tempo colonial.

São outros os tempos e as carências alimentares são indubitavelmente maiores, daí que o camponês da Beira tenha intensificado a cultura deste cereal como alternativa para o dia-a-dia.

O Gabinete das Zonas Verdes, sensível à problemática de ajudar os

camponeses no seu esforço pela auto-suficiência tem procurado incentivar a cultura do arroz, divulgando variedades de maior rendimento e procurando um experimentalismo prático junto das populações que o cultivam tradicionalmente.

Um projecto de irrigação integrado está igualmente em curso por forma a que as zonas de cultivo daquele cereal possam beneficiar durante todo o ano de água e, ao mesmo tempo, se combata a salinização dos terrenos. Outro projecto, de apoio à mulher na produção agrícola, está igualmente a ser levado a cabo já que, como em praticamente todo o nosso país, grande parte da mão-de-obra para o cultivo do arroz é constituída por mulheres. Estes programas contam com o apoio de organizações internacionais, nomeadamente o MONAP, UNICEF, assim como outras ajudas de menor envergadura do consulado da Holanda e do I.V.S.

Dividida em três grandes zonas orizícolas para efeitos práticos, a primeira a beneficiar do sistema de irrigação virá a ser ao fim e ao cabo a que mais dentro da cidade de elemento se encontra, com uma área de cerca de 2000 hectares.

O Gabinete das Zonas Verdes tem tentado fazer a reordenação dos talhões existentes, sem prejudicar ninguém mas o que é facto é que as populações arreigadas tradicionalmente ao seu palmo e meio de terra nem sempre acolhem com agrado



Plantado geralmente em Dezembro e Janeiro o chibissa e faia são as variedades de arroz mais usuais entre a população beirense

uma reordenação mais científica dos terrenos, olhando suspeitosamente para quem tente provar as suas razões.

A comprovar estas asserções e uma certa resistência às obras de saneamento do sistema de irrigação, estão as repetidas sabotagens feitas contra comportas, para além da resistência passiva ou a recusa de aceitar um novo parcelamento das minúsculas áreas orizícolas individuais.

Contudo, experiência pioneira vem sendo realizada na zona de Macurungue onde 600 famílias viram já reordenados os seus talhões que se estendem por três blocos de 60 hectares cada um. Para estas populações foram distribuídas na presente época agrícola duas toneladas de semente das variedades C4-63 e RPW-612 que são de ciclo médio.

A variedade de ciclo médio tem a vantagem de ter uma duração de 140 dias da sementeira à colheita contra os cerca de 210 dias da variedade tradicional, tipo chibissa e faia.

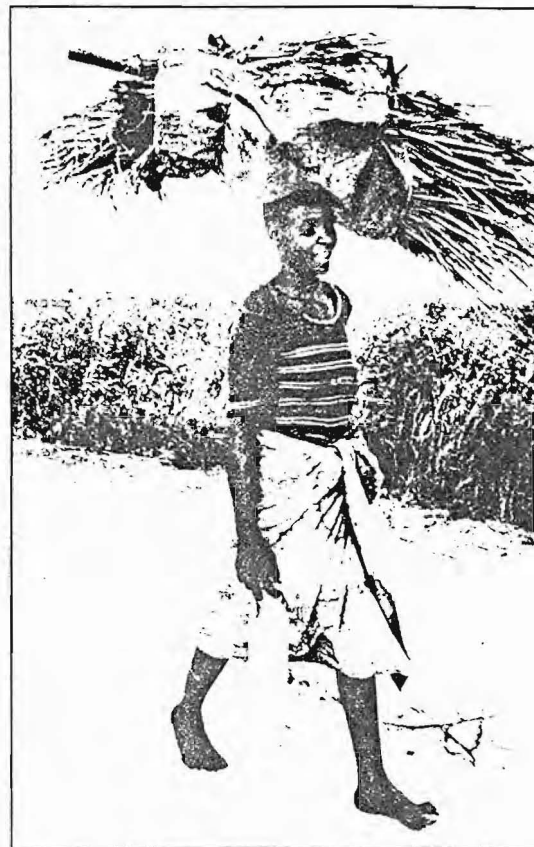
Se estas variedades têm contra si o facto de serem de ciclo longo, têm, por outro lado, em seu favor serem mais resistentes que as variedades importadas.

Na realidade as pragas atacam muito mais o arroz cultivado presentemente a nível experimental tipo C4-63 e RPW-612 do que as variedades tradicionais resistentes à lagarta, às borboletas e aos escaravelhos.

Por outro lado e em desfavor das novas variedades, está o facto de o camponês não ver com agrado a intensificação da sua jornada de trabalho porque o seu chibissa mais resistente e anual não exige os cuidados e as novas tecnologias de cultivo que a nova variedade de arroz exige (para além desta ser bianual).

Outra das grandes resistências que se verificam ainda hoje diz respeito ao sistema de drenagem que vem sendo deliberadamente sabotado, grande parte das vezes por crianças que o fazem instigadas por pais e familiares mais velhos. Contam-se estranhas histórias míticas de aparecimento de cobras aquáticas quando as máquinas entram nos arrozais, como forma de prevenir o saneamento da área ou de congregar antipatizantes ao sistema de drenagem.

Na realidade, o que temem os residentes das áreas orizícolas é que, uma vez o sistema de drenagem a funcionar, as suas terras venham a



O arroz que sai dos viveiros é posteriormente transplantado para outro local da machamba, permitindo maiores rendimentos do que a sementeira directa

Cada pessoa cultiva geralmente um exíguo quarto de hectare que lhe permite, contudo, o aliviar as necessidades familiares em cereais





Em cima: O espanta-pássaros por processo manual. Falta equipamento em Mandruzi e a empresa deve sete milhões ao banco

ficar mais secas, não retendo as águas necessárias. O que acontece, porém, com o sistema de drenagem é que ele permitirá reter as águas, abrindo-se as comportas somente quando haja perigo de inundações. Por outro lado, com as comportas fechadas o controlo da salinidade das águas é mais eficaz.

Este sistema de combate à salinização das águas é considerado preferível pelos técnicos afectos ao Gabinete das Zonas Verdes para quem o método de dessalinização pela junção de cal aos terrenos comporta grandes riscos de desertificação das terras que muito dificilmente são recuperadas posteriormente.

A TRISTE EXPERIÊNCIA DA ESTAÇÃO EXPERIMENTAL

Ridículo, ridículo, é o que se passa com a Estação Experimental do Gabinete das Zonas Verdes da Cidade da Beira. Vocacionada para a experimentação das novas variedades que se querem introduzir junto dos camponeses e subsequentes tecnologias adaptadas, esta estação deveria, por princípio estudar rendibilidades médias, comprová-las na prática e, posteriormente, evidenciá-las junto das populações que irão trabalhar o arroz.

Ora o que se passa é que, de acordo com uma fonte próxima da Estação Experimental, os rendimentos médios que ali são conseguidos não ultrapassam uma tonelada por hectare ou seja quase metade dos rendimentos dos camponeses e isto a despeito de ali estarem variedades de maior produtividade, de as tecnologias serem as apropriadas e de não faltarem os químicos para evitar as pestes.

A que se deve tão insólito fenómeno? Ao que parece ao facto evidente de quem cultiva os cerca de 10 hectares da estação serem trabalhadores assalariados em número de 30 e que não usufruem do produto do seu trabalho. Para se ter uma ideia do problema deve-se ter em conta que o camponês individual cultiva geralmente sozinho cerca de um quarto de hectare, às vezes um terço. Os assalariados da Estação Experimental não conseguem cultivar sequer vinte por cento da área, ou seja 30 trabalhadores cultivam sensivelmente dois hectares, quer dizer quase quatro trabalhadores para o mesmo exíguo de um quarto de hectare do camponês tradicional. Não tendo outra possibilidade, a Estação Experimental contrata populações das vizinhanças a quem fornece arroz-semente em troca de trabalho.

Para obstar a esta questão que



Contrariamente à Estação Experimental da Beira, a empresa agrícola de Mandruzi tem rendimentos aceitáveis



O director da Mandruzi, Bernardo Gouveia, explica à nossa reportagem as subdivisões dos cerca de 300 hectares da sua empresa

atinge as raíças do escandaloso, o Gabinete das Zonas Verdes prevê para as campanhas de 86/87 e 87/88 a entrega dos seus 10 hectares da Estação Experimental às populações porque estas conseguem indubitavelmente maiores produtividades, numa base de 50 por cento em cada uma das campanhas. E não o faz mais cedo porque a campanha 85/86 já começou com os viveiros em Novembro e o plantio em Dezembro/Janeiro.

De acordo com um dos técnicos estrangeiros responsáveis pelo programa do arroz nas zonas verdes da cidade da Beira, três factores principais contribuem para a triste situação da Estação Experimental, a saber: a falta de incentivos materiais aos trabalhadores; o facto de os trabalhadores não beneficiarem do arroz que produzem e questões técnicas — como o facto de o terreno ter demasiada salinidade, as comportas não funcionarem e as pragas que se não conseguem combater eficientemente porque se dispõe somente de uma bomba insecticida.

Uma das queixas mais pertinentes dos trabalhadores da estação é o fac-

to de a distribuição de cigarros, lençóis e fardos de roupas das calamidades não chegarem ali para oferta ou venda.

A EXPERIÊNCIA DO DONDO

Já fora da cidade da Beira, a 30 quilómetros, a Empresa Agrícola de Mandruzi tem uma experiência de organização que lhe permite mostrar índices de produção mais animadores do que os fracos resultados da estação Experimental.

Com uma área orizícola de 300 hectares dos quais 231 plantados, Mandruzi utiliza dois sistemas, um directo (201 hectares) e outro por transplante (30 hectares).

neladas/hectare para o arroz transplantado.

O que acontece é que nesta sementeira foram utilizados entre 35 a 40 quilos de semente por hectare contra os 80 quilos das campanhas anteriores. O rendimento sobe, de acordo com o director da empresa, na medida em que a menor densidade evita o estrangulamento da planta que se verificava anteriormente. Esta é a primeira vez que se utiliza este processo que conta com o apoio directo de 3 técnicos indianos.

A despeito destes dados, a Empresa Agrícola do Mandruzi com 203 trabalhadores permanentes e diá-



Em Mandruzi, os milicianos são a força dissuasora do banditismo. Quando o trabalho aperta, eles também dão uma mãozinha

Na campanha de 84/85 foram conseguidas boas médias, de acordo com o seu director, Bernardo Gouveia. Assim, no plantio directo obteve-se um rendimento médio por hectare de duas toneladas e nas áreas de transplante cerca de seis toneladas/hectare.

Embora em nosso entender tais rendimentos médios sejam bastante baixos o que é facto é que, nas circunstâncias em que se faz a cultura, se pode aceitar a evidência. Para esta época, Mandruzi conta com rendimentos na ordem das 3 toneladas/hectare para o plantio directo de 5 to-

mente mais 50 sazonais não é rentável, devendo actualmente ao banco cerca de 7 milhões de meticais.

Afirmando pensar que na próxima campanha (ou a partir dela) a empresa se tornará rentável, Bernardo Gouveia referiu as altas quebras que se verificam dada a inexistência de auto-combinadas e de outro equipamento agrícola como tractores, alfaia, equipamento de rega e espanta-pássaros automático. Este processo de afugentar as aves ávidas do cereal é feito manualmente com um homem e um chicote, localmente denominado n'tambo. □